

Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9

TELEFONE 50 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIP. GRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

IMPORTANTES MELHORAMENTOS FORAM ENTUSIASTICAMENTE INAUGURADOS PELO CHEFE DO ESTADO NO ALGARVE

COM as obras, agora inauguradas pelo Chefe do Estado, contra-almirante Américo Tomás, do porto de Portimão, passam todas as embarcações a poder demandar o porto com perfeita segurança e em todas as condições de tempo, estando no segundo Plano de Fomento destinada uma verba de 5.000 contos, com a qual se melhorarão ainda mais as condições de acesso dos barcos de grande calado — declararam os Ministros das Obras Públicas e das Comunicações, eng. Arantes e Oliveira e eng. Carlos Ri-

beiro, na sessão festiva inaugural da obra.

Foi o actual Chefe do Estado, Presidente Américo Tomás, quando era capitão-tenente, quem procedeu ao levantamento topográfico do porto de Portimão, onde seriam realizadas as obras exteriores concluídas agora e é precisamente como Presidente da República quem, na sua qualidade de Supremo Magistrado da Nação e ante o empreendimento obtido, se refere à acção política do Chefe do Governo, para o homenagear.

O Porto de Portimão —

que se situa na enseada compreendida entre a Ponta do Altar, a Leste, e a do

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

“NOTÍCIAS DO ALGARVE”

Motivado pela montagem de uma moderna máquina automática de impressão, não salu na passada semana o nosso Semanário, pelo que pedimos muita desculpa aos nossos assinantes, colaboradores e amigos.

UM ARTIGO DO “NOTÍCIAS DO ALGARVE” TRANSCRITO POR UM JORNAL PORTUGUÊS DOS ESTADOS-UNIDOS

● O ARTIGO «COZINHA REGIONAL, VEDETA NÚMERO UM DO TURISMO NACIONAL», FOI TRANSCRITO PELO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» DE NEW BEDFORD

TEVE a amabilidade de transcrever parcialmente o artigo «Cozinha Regional, Vedeta número um do Turismo Nacional», de autoria do nosso estimado colaborador sr. Júlio Padescá, o jornal português que se publica em terras norte-americanas «Diário de Notícias».

Após a publicação deste artigo no nosso Jornal, vários jornais portugueses tiveram a amabilidade de se

pronunciarem sobre o mesmo assunto, fazendo amáveis referências ao «Notícias do Algarve», demonstrando assim a complexidade deste problema gastronómico e de grande amplitude turística, que parece afectar grande parte do nosso País.

Estamos certos que com a ajuda dos órgãos locais de Turismo, que há bem pouco tempo se reuniram demonstrando assim a sua vontade de incrementar o turismo nacional, não será difícil organizar um «roteiro gastronómico», já tão saudosamente lembrado por vários escritores portugueses, entre Eça de Queiros e Ramalho Ortigão, ou ainda o tão algarvio Manuel Teixeira Gomes.

Nas grandes cidades onde o lucro comercial está acima de todas as divagações pelos vastos caminhos da arte de Vatel, a cozinha

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

O CANTO DO CISNE

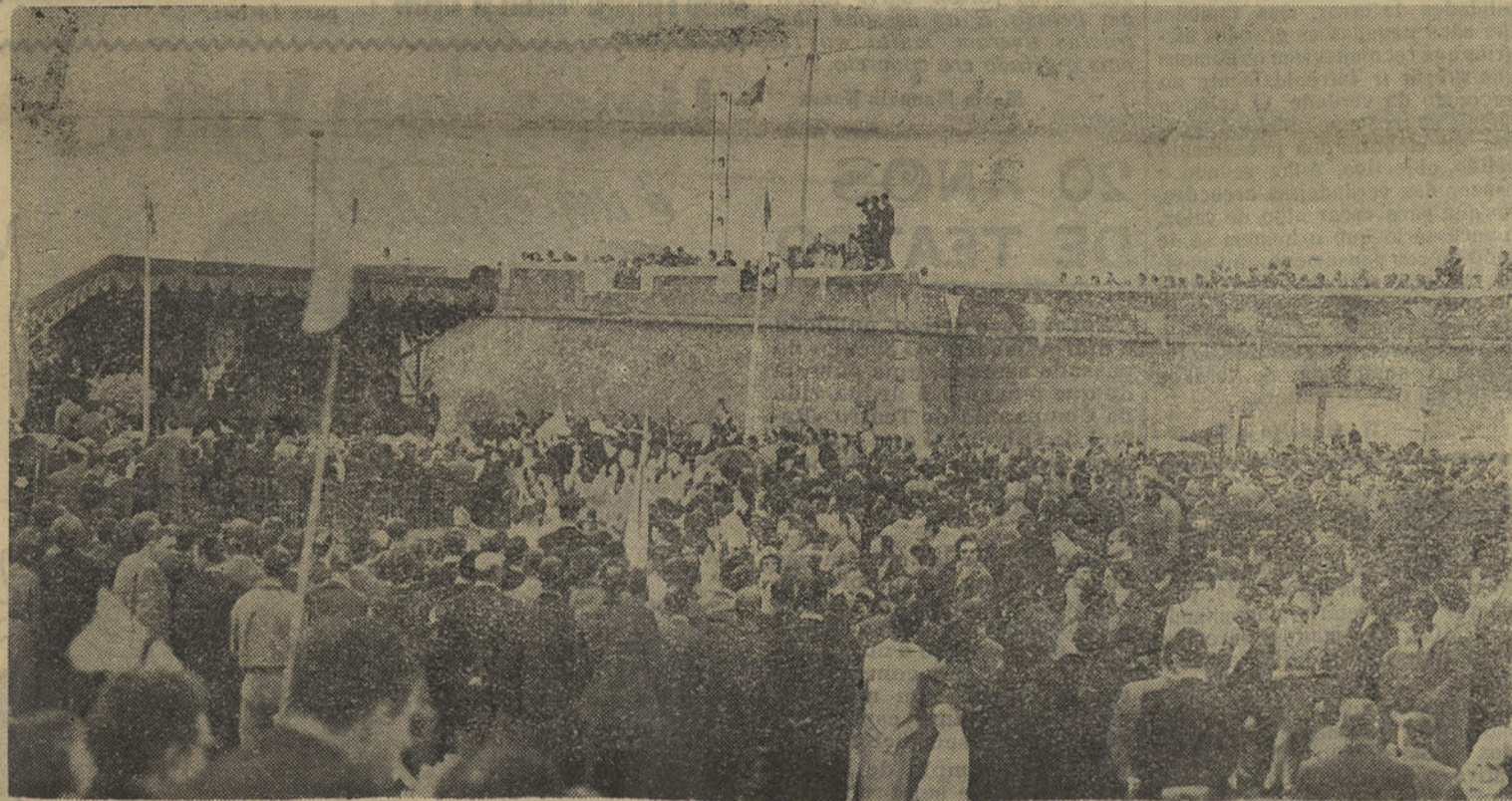
A avenida da Liberdade — centro cosmopolita da capital — apesar de o progresso lhe ter tirado as palmeiras e o relvado (espesinhado) que a tornavam a «menina» graciosa de quantos a admiravam, continua a ter como sentinelas silenciosas mas vigilantes os seus cisnes tão queridos e acarinhados dos lisboetas. Eles ainda lá estão, indiferentes, talvez, às escavações do «metro», ao embelezamento por que a avenida passou, à própria natureza que os açoita, olhando, ao longe, o labirinto que circula aos pés da estátua do Marquês de Pombal.

Qualquer dia, ouviremos, de certo, o canto do cisne...

AGRADECIMENTOS AO NOSSO JORNAL A PROPOSITO DE UM ARTIGO

Teve a amabilidade de se nos dirigir por carta, o conhecido bailarino português Charles, que presentemente no Teatro Variedades toma parte integrante na popular Revista «Champanhe Saloio», agradecendo as nossas referências ao «Corridinho Algarvio» que com graciosidade e hábil encenação está sendo exibido com bastante agrado na revista acima referida.

Ao conhecido bailarino Charles, que conseguiu pôr em cena um verdadeiro corridinho algarvio, apresentamos os nossos cumprimentos e os nossos agradecimentos.



UM ASPECTO DA INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PORTO DE PORTIMÃO

O T. A. F. NO COLISEU DOS RECREIOS NÃO HÁ BELA SEM SENÃO...

QUANDO as duas camionetas da E. V. A. passaram a abarrotar de moços algarvios pela magestosa Alameda de D. Afonso Henriques e os vivas

POR

EMÍLIO VALONGO

ao Algarve ressoaram bem alto para lá da Fonte Luminosa, dir-se-ia que o próprio lisboeta se deixou contagiar por essa alegria sã, exuberante, daqueles rapazes e raparigas que, atirando ao vento folhetos ilustrados, sorriam-lhe e acenavam-lhe amigavelmente como simples mas bem vindos visitantes a esta nobre cidade de Lisboa.

Eram eles os mais representativos elementos dessa terra além Tejo, desse rincão florido que se chama Algarve: os componentes do Teatro dos Amadores de Faro e os conjuntos dos Grupos Folclóricos de Faro e da Casa do Povo da Conceição, da mesma cidade, que à noite, ante a expectativa dos algarvios residentes na capital, lhes levariam uma

recordação (ou uma saudade) desse Algarve que eles trazem a todo o momento gravado no coração.

E, à noite, a ampla sala do Coliseu, traduzindo essa ansiedade

“O RAPAZ DO ANO” EM OAKLAND É UM PORTUGUÊS

«O rapaz do ano» é um jovem português, de 12 anos, filho de Artur Silva e que, vivendo em companhia dos pais e de quinze irmãos, foi escolhido como exemplo em artes, ofícios, estudos e jogos.

De nome Ricardo Silva, viu o seu retrato de menino fisicamente franzino mas de olhar inteligente na primeira página dos jornais da Califórnia, tendo sido entrevistado para diversos programas da Rádio e da Televisão.

de todos sobre o acolhimento dispensado, sensibilizou tudo e todos: o público lá estava, sentado, de pé, agitando os braços, ensurdecendo, abraçando um amigo ou um parente; era a reunião invulgar dessa enorme «Família Algarvia» que emprestava à sala um aspecto atraente, magestoso, desusado.

Mereceu a pena assistir a es-

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

O NOME DO PINTOR LYSTER FRANCO NUMA RUA DE BELÉM

Vai a «Casa do Algarve», em Lisboa, patrocinar a ideia lançada pelo nosso prezado colega «Ecos de Belém», de se pedir à Câmara Municipal de Lisboa que dê o nome do Pintor Carlos Lyster Franco, recentemente falecido, a uma das ruas daquele populoso bairro, onde nasceu o distinto professor e artista.

TEMAS REGIONAIS UM MÉDICO PARA MARTINLONGO

QUANDO há tempo este jornal publicou uma série de notas sob a rubrica «Interesses do concelho de Alcoutim» uma delas versava a estabilidade de um médico em Martinlongo servindo a parte alta do concelho.

Esta é uma das suas mais instantes necessidades e das mais fáceis de resolver.

Parece-nos que um bom encadeamento de esforços entre a Casa do Povo de Martinlongo e a Câmara Municipal com a compreensão da população interessada bastará para resolver o magno assunto.

Assumi agora a presidência da Câmara o sr. Artur Moura e ninguém como ele para lhe dar solução.

Residindo há muitos anos em Martinlongo, conhecendo de perto a Casa do Povo e agora ao leme governativo da Câmara, com influência na população das freguesias que o médico servirá, a sua intervenção será devida, a sua intervenção será devida.

(Conclui na 2.ª página)

OS ZANGÃOS DA CULTURA

OS ecléticos, os dogmáticos... Qualquer «professor da confusão», servindo-nos dum opórteto que um sociólogo contemporâneo alcunhou o Georges Sorel

POR

N. RODRIGUES PENA

do *Reflexions sous la Violence*, começaria a sua notável lição com uma série de notáveis diatribes contra o que se considera o profundo mal da cultura moderna: o dogmatismo. E o nosso homem no-

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Alegoria com malmequer

Já reparam no malmequer onde falte nem que seja uma pétala, nem que seja um bocadinho de pétala?

Que monstruosidade? Nem pode já chamar-se malmequer. Tal qual o país onde um cidadão que seja não possa considerar-se homem livre.

Dois formas

Há duas formas especiais de loucura. Uma consiste em convencer os outros de que se está lúcido.

A outra consiste em acreditar-se lúcido.

Amor, justiça, felicidade

Não queira nunca ninguém

(Conclui na 2.ª página)

tável depois de expor os vícios lamentáveis do dogmatismo, nada melhor acharia para substituir a estreiteza e esterilidade do dogmatismo do que a planície vasta do ecletismo.

Ora, quanto a nós, o dogmatismo e o ecletismo apresentam-se ambos como vícios da cultura. Se o dogmatismo é estreiteza, cegueira; o ecletismo é, por sua vez, fatuidade, esterilidade, e quase sempre se confunde com irresponsabilidade. O dogmatismo impõe o «crês ou morres» e vem sempre acompanhado de fogueiras, autos — de fé e a consequente despersonalização do indivíduo, conduzindo-o a atitudes humilhantes e, quando se não resigna às modas do tempo, espera-o as perseguições, as arbitrariedades, mesmo a morte violenta. Mas o ecletismo com a sua falsa liberdade leva-o da mesma forma à despersonalização, à incarecterização e à hibridização.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

1885 — 1959



FINE MACIEIRA

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE

Rua Ivens, 45-47 — LISBOA

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Lisboa, o nosso estimado amigo e illustre comprovinciano sr. Juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

De visita a seu filho, sr. dr. Fernando Leonel Viegas Alvares, encontra-se em Coimbra acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo e Editor do nosso colega «Jornal do Algarve» sr. Manuel Rodrigues Alvares.

Seguiu de avião para Dundo-Luanda (Angola), a fim de juntar-se a seu esposo, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Luiza Grego Horta Ribeiro.

Com curta demora esteve nesta vila, de visita a seus pais acompanhado de sua esposa o sr. Dante Barbosa Guerreiro.

Encontra-se em Lisboa, o nosso estimado amigo e assistente sr. dr. José Colaco Fernandes, residente em Vila Nova de Cacela.

Nascimento

Em Faro, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Palmira Maria Monteiro Madeira Ramos, esposa do nosso prezado assinante sr. Inácio Simplicio Ramos.

Casamentos

Na Igreja da Penha de França, em Lisboa, celebrou-se na passada segunda-feira o casamento da sr.ª D. Maria José Socorro Tenório com o sr. Domingos Eugénio Ferreira Guimarães, ambos funcionários dos C. T. T.

O acto, com missa própria, foi gentilmente presidido pelo reverendo capelão Major Arnaldo Duarte, chefe dos serviços eclesiásticos do Exército Português, sendo apadrinhado por parte da noiva por seu pai sr. Manuel Peres Tenório e sua esposa sr.ª D. Maria Isabel Peres Tenório e pelo noivo, seu pai, sr. José Eugénio Ferreira Guimarães e pelo director do Futebol Clube do Porto, Mário do Amaral.

Após o cerimonioso acto foi servido um banquete no Suisso Atlântico Hotel, a todos os convidados no número dos quais se contavam o sr. Capelão Arnaldo Duarte, o jornalista sr. Dr. Fernando Soromenho, o delegado do F. C. do Porto, em Lisboa, sr. Costa Martins, e os «internacionais» Virgílio, Hernâni, Miguel Arcanjo, Acúrsio, Teixeira, Pedro e Barbosa.

Realizou-se em Lisboa o casamento do nosso comprovinciano sr. José António Sales Madeira, Tesoureiro do B. N. Ultramarino, com a sr.ª D. Esmeralda Adelaide Jorge Alves de Seixas.

Apadrinharam o acto por parte da noiva os srs. António de Seixas e Tenente Agostinho Brás e por parte do noivo o sr. Eng. Mário Tavares e sua esposa.

Após o «copo de água», os noivos seguiram viagem para o norte do país

VEM AO ALGARVE COMO ENVIADO ESPECIAL DE 'MUNDO' O ESCRITOR MANUEL DO NASCIMENTO

No intuito de tomar contacto directo com a vida de todo o país e vertê-la depois para as suas páginas através de inquéritos, reportagens e artigos sobre aspirações e problemas tanto locais como regionais, convidou «MUNDO», o escritor MANUEL DO NASCIMENTO, a tomar a seu cargo a corporização desses trabalhos.

OS ZANGÃOS DA CULTURA

(Conclusão da 1.ª página)

dismo das atitudes e ideias. O eclético passa assim, na maior parte dos casos, a cultivar a irresponsabilidade. É nas épocas em que para se viver se impõe como norma a renúncia, que o eclético medra e se aceita como a melhor forma de servir a cultura. Nas épocas de crise onde a renúncia, ou seja o medo de assumir responsabilidades os ecléticos abundam como verdadeiros zangãos da cultura. Ao proclamarem a sua não abdição a esta ou aquela doutrina, fugindo a assumir a mínima responsabilidade em face de qualquer problema que se agita, gritando a sua liberdade que se não detem na compreensão dos fenómenos que constituem a preocupação da sua época, o eclético aparentemente acolhe todas as vozes, passeia os olhos sobre todas as correntes do pensamento para, no fim, nos convencer da sua imunidade a todas as influências. E nesta convicção reside todo o drama do eclético, a sua preguiça ou inoperância mental para discernir o conteúdo válido do pensamento do seu tempo; a sua infelicidade para repudiar ou aceitar as mentiras e verdades da sua época. Por isso o eclético é geralmente um ser incoerente, sem ideias firmes e assentes sobre as coisas e os homens, versátil nos seus raciocínios e conceitos, um desenraizado da cultura. Ao afirmar a sua independência, ao gritar o seu amor à liberdade, ao escarnecer dos «pobres diabos» que se filiam nesta ou naquela corrente do pensamento, ele, convictamente ou insensatamente cai no grande logro de se considerar um dos raros felizes que conseguiu aquilo que até hoje ainda ninguém conseguiu — o isolar-se do ambiente em que vive, das relações que o prendem à sociedade, do jogo de interesses que aberta ou insidiosamente influenciam a sua manei-

AMOR SEM ESPERANÇA

Novo romance de JOÃO AMARAL JÚNIOR

Um caso singular, bem contado, num entrecho pleno de naturalidade e sem preconcebidas fantasias, com personagens vivas, de nítido recorte, bem devassadas nos seus complexos de sentimentos e paixões, através duma linguagem clara, limpa dos refulhos empastes e repisões que alguns autores usam por aparência de profundidades — eis as características deste novo romance que João Amaral Júnior acaba de acrescentar à lista já longa das suas obras.

Da crítica ao seu anterior romance recordamos estes períodos que, por igual soma de méritos, definem a nova obra agora em novas mãos.

«O romancista sabe entabular com rapidez Os seus conflitos são sempre intensos, bem cronometrados, abrangendo os mais variados meios e figuras.

«O entrecho é conduzido com ritmo. Sente-se que o autor na posse plena das suas maneiras, venceu as dificuldades do tema... Um caso da vida actual, impregnado pelos costumes da época, mas ainda um penetrante estudo psicológico em que as zonas da vida íntima são focadas com uma luz reveladora.

Desse modo, e agora no seu presente romance «AMOR SEM ESPERANÇA», Jasmína e Maria Esteve, o duro José Malaio e o volúvel Eduardo, assim como as ambiciosas e modernas Ana Maria e Maria Isabel, o cábula Almediana, etc., são figuras próximas, nossas conhecidas que, segundo as suas reacções na acção desta obra, ficam a perdurar na memória de quem a ler. E estamos certos de que o faz de princípio a fim sem desalencimento de interesse, tão alicianse se torna a sua estrutura real e moral.

Edição, muito cuidada, da Livraria Romano Torres, Lisboa.

ra de pensar e agir. Mas o eclético, além da liberdade, da independência que diz amar, princípios elevados quando se não diluem e adulteram em interesses grosseiros e mesquinhos, o eclético orgulhosamente confessa a sua isenção e afirma-nos que das doutrinas, das diversas correntes do pensamento e da arte escolheu o que de mais nobre e elevado e fecundo encerram essas doutrinas. Pretende assim evidenciar o seu espírito crítico, exibir um critério de selecção que, realmente, está muito longe de possuir. A lhe darmos crédito, o eclético seria o ente mais perfeito neste mundo de imperfeições; ao creditá-lo teríamos de lhe atribuir uma capacidade judicativa, um tal poder de discernimento que a experiência comum dos homens mostra ser de difícil conquista.

O eclético é, por fim, um conciliador frustrado de fenómenos irreconciliáveis. Tacteano a a epiderme das doutrinas sociais, compulsando frivolarmente o pensamento dos filósofos, dos políticos, embasbacado ante as manifestações da arte, das mais elevadas às mais obscuras, o eclético, senhor dum faro instintivo e prodigioso, sabe orientar-se no labirinto das confusões, dos mitos, para alcançar a verdade. Ele assim o presume; assim o dogmatiza o eterno adversário dos domas.

Mas o eclético, tal como o dogmático, não foge à derrota. E o zangão da cultura que é afinal o eclético, nada cria de positivo, de real, de autêntico, e torna-se por excelência o frívolo, a irrequieta e inquietante personagem dum mundo onde não tem a necessária coragem de afirmar e negar.

Não contraditamos: o eclético pode ser uma pessoa bem informada, conhecedora das subtilidades das doutrinas e das filosofias, mas, quanto a nós, o essencial ignora-o; e o essencial é a vida, a vida do seu tempo, os problemas do seu tempo. Se não se integra do seu tempo, se os dramas da sua época lhe escapam, se se recusa a orientar-se ou a tomar decisões, se não tenta definir o pensamento do seu tempo, toda a sua actividade não passa de mero entretenimento; de um jogo inútil e ocioso. Abstendo-se, o eclético, elimina as possibilidades de errar, mas também lhe são negadas as grandes alegrias que recompensam os homens que sabem ir intrêpidamente ao encontro da verdade. O eclético jamais se fixa numa ideia, é incapaz de elaborar um pensamento válido, objectivo, é-lhe vedado o prazer das verdadeiras criações, porque para crear algo de valor, é necessário que o homem se dê todo ao seu pensamento, à sua vida, ao seu trabalho. O eclético no seu apregoador orgulho, gritando a sua isenção, proclamando a sua independência reduz-se, naturalmente, aquilo que na verdade é: um zangão da cultura.

N. Rodrigues Pena

NOVO CAFÉ

Inaugurou-se no passado dia 15 de Maio, um novo café, pastelaria e sorveteria denominado «FIRMO», que muito vem embelezar a rua Teófilo Braga, a rua mais comercial da nossa vila.

Dotado de todos os requisitos modernos, totalmente envidraçados e com óptimo aspecto decorativo, o novo Café constitui um motivo de atracção para a rua Teófilo Braga.

O «Notícias do Algarve» agradece o Convite que gentilmente lhe foi endereçado.

Agradecimento

Joaquim Viegas Calvino

A família de Joaquim Viegas Calvino, na impossibilidade de poder agradecer pessoalmente às pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada e bem assim a todos aqueles que lhes manifestaram o seu pesar, vem por este meio, muito reconhecida, agradecer.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 16 a 22 de Maio a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone, 64.

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

Impôr-se ao amor dos outros. Acabar por fazer o negócio pior de todos aquele em que, nada se dando, nada se recebe.

Não queira nunca ninguém impôr condições para fazer justiça pois estará a este prejudicando mais que a injustiça.

Não queira nunca ninguém impôr a felicidade aos outros quando estes a não aceitem. Acabar por torná-los mais infelizes ainda.

Não queira nunca ninguém, seja onde for, impôr. As árvores não se plantam à força.

Pode, se...

Anunciam os jornais que no Palácio em Genebra onde se discutem os destinos do mundo, se encontra uma estátua na base da qual se lê a frase:

«O homem pode também ganhar a vitória da Paz»

Claro que pode. Se todos nós dermos um getinho...

Não era amor

A menina amava. Delicioso — e terrível, ao mesmo tempo. «Será isto, o amor? Amarel, deveras?»

Enquanto punha estas interrogações, soltou-se uma borboleta. A menina pôs-se a correr atrás dela, a brincar com ela às escondidas.

Não pensou mais no assunto.

Na exposição

Fui ver uma exposição de pintura abstracta. A sala estava cheia de pessoas abstractas. De pessoas que faziam um esforço concreto para se meterem dentro da abstracção, de serem elas próprias o pintor no acto concreto de abstrair do concreto para concretizarem o abstracto, sem que a abstracção seria um puro espírito patrandu sobre as águas isto é, sobre o concreto.

Como fazia muito calor no reino da abstracção as pessoas abstractas foram dali tomar um gelado. E as pessoas abstractas tiveram muita sorte, pois o gelado era concreto.

Maria Manuela Nunes

20 ANOS DE TEATRO

Em extenso artigo, publicou o diário lisboeta «O Século» na passada semana, uma súmula do que tem sido a árdua vida da Companhia de Teatro «Rafael de Oliveira», que a nossa terra e do mesmo modo muitas terras algarvias tiveram a feliz possibilidade de ver e admirar.

Desenvolvendo uma acção cultural digna dos maiores encómios, a Companhia «Rafael de Oliveira» vem desde há 20 anos percorrendo o nosso país de terra em terra com um vasto repertório, com uma boa encenação e uma esplêndida actuação dos seus actores.

Eis um exemplo de tenacidade que deve sempre ser lembrado, quando o tema «A crise do Teatro» tiver lugar nas conversas cotidianas.

Um Médico em Martinlongo

(Conclusão da 1.ª página)

cisiva para se alcançar o que tanto benefício representa.

O «Notícias do Algarve» aproveitando a oportunidade para cumprimentar o senhor Artur Moura e desejar-lhe as maiores felicidades no desempenho do cargo para que foi nomeado, espera que da sua acção resultem os maiores benefícios para o concelho de Alcoutim e aguarda a solução deste caso com aprazimento para todos os interessados.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LEIRIA na Papelaria VITAL

VENDE-SE

Uma casa na Rua João de Deus n.º 29 e Rua Marechal Carmona; com 6 boas divisões e quintal. Quem pretender dirija-se a: **Esperança Cruz Rua Marques da Silva - 46 - 2.º Dt.º Telefone 58614 - LISBOA**

O I CONCURSO REGIONAL de Gado Bovino Mertolengo

TEVE LUGAR NO AZINHAL

A pequena e típica aldeia do concelho de Castro Marim, viveu horas de verdadeiro entusiasmo quando da realização do I Concurso de Gado Bovino Mertolengo.

As espécies pecuárias apresentadas eram autênticos valores, tendo por tal motivo aumentado o interesse dos presentes, durante a realização do concurso.

Atribuiu os prémios do certame, um júri constituído pelo sr. dr. Manuel Elias Trigo Pereira, intendente da pecuária de Faro, Dr. Teófilo Lopes Frazão, intendente da Pecuária de Beja, Ildelfonso de Bettencourt, intendente da Pecuária de Serpa e o lavrador sr. Domingos Antunes.

Os prémios que foram entregues pelo Chefe do Distrito, foram atribuídos num interessante desfile, com que se encerrou o concurso.

Na impossibilidade de dar os nomes de todos os premiados, damos a seguir os 3 primeiros, em cada uma das modalidades:

Touros, 1.º, 2.º e 3.º prémios, respectivamente, aos criadores srs. João José Cristóvão, Domingos António Alberto e José Afonso Henriques.

Novilhos, 1.º, 2.º e 3.º prémios respectivamente, aos srs. José Afonso Henriques, Capitão Lino Antunes e Manuel Sebastião.

Vacas, 1.º, 2.º e 3.º prémios, respectivamente, aos srs. Manuel António José, José Afonso Henriques e José Custódio Gonçalves.

Novilhas, 1.º, 2.º e 3.º prémios, respectivamente, aos srs. José Afonso Henriques, Domingos Ferreira e Manuel Domingos.

PROPRIEDADES

Vende-se no sítio de Almada d'Ouro, freguesia do Azinhal.

Ver e tratar com o próprio, **Manuel Gandelas - ALMADA D'OURO**

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Maio

TRAINEIRAS

Triunfante	44.380\$00
Norte	43.580\$00
Agadão	40.885\$00
Refrega	40.230\$00
Vulcão	35.505\$00
Flor do Sul	33.857\$00
Tozé	31.415\$00
Pérola do Guadiana	30.550\$00
Leste	26.500\$00
Conceicanita	25.995\$00
Janita	24.920\$00
Infante	23.690\$00
Flor do Guadiana	23.435\$00
Audaz	22.160\$00
Liberta	18.180\$00
Tufão	16.430\$00
Amazona	16.227\$00
Raulito	15.920\$00
Nidia	7.010\$00
Deus te Guarde	4.455\$00
Restauração	3.485\$00
Estrela do Sul	2.442\$00
Fernando Carlos	1.020\$00
Oeste	680\$00
Total	532.951\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Maio

Entradas:

MARIA CHRISTINA, Português de 549 ton., de Lisboa, vazio.

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, de 110 ton., de Tânger, com atum fresco.

CORVO, Português, de 1.015 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

MARIA CHRISTINA, de 549 ton., e **MIRA TERRA,** de 562 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios.

Saídas:

MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.

MARQUEZ DE LA VIESCA, para Tânger, vazio.

MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.

CORVO, com sal, para Ponta Delgada.

MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.

Limpa com Vim...

é um espelho!



É um gosto limpar os esmaltes com Vim!

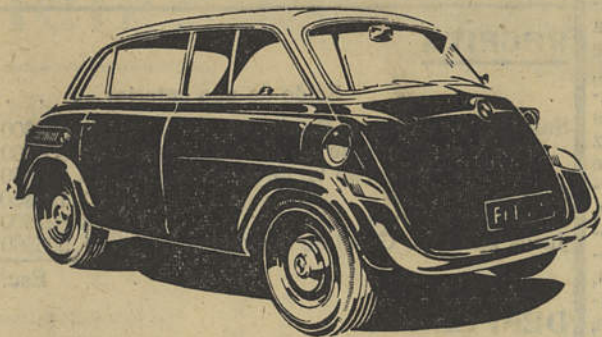
Ficam perfeitos — tão limpos! Tão brilhantes! E com Vim é um instante — um pouco de Vim num pano húmido, esfrega-se e... pronto! Tudo fica cintilando de asseio, perfeitamente desengordurado, impecável e brilhante! Alumínios, azulejos, o fogão, o lava-loiça e o lavatório brilham como novos! O fino pó Vim resolve todas as limpezas difíceis!

Vim limpa e faz brilhar tudo no seu lar

BIQUEIRÃO EM SALMOURA
Compra-se até 100 toneladas
 Dirigir à Empresa de Pesca Ribamar, Lda.
SETÚBAL

CAPITALISTA
 Admite se como sócio numa importante FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE, no Barlavento do Algarve, para lhe dar grande incremento
Resposta ao apartado 20 de Silves

Poupe dinheiro!
Compre um **BMW 600**



MAIS BARATO DO QUE ANDAR A PÉ

Já pensou deitar contas à vida? Verifique estas e concluirá que andar a pé não é negócio!

Um indivíduo anda em média 5 quilómetros por dia; ao fim de 6 meses terá andado, portanto, 900 quilómetros.

Entretanto a despesa diária média em transportes, cifra-se em 3 escudos; em seis meses, essa despesa elevar-se-á para 540 escudos, mais 60 para um novo arranjo de sapatos.

Assim, o indivíduo que anda a pé, e que não evita o transporte público, gasta uma média de 600 escudos em 6 meses, para percorrer 900 quilómetros.

Esses mesmos 900 quilómetros, percorridos num **BMW 600**, custam em gasolina — 202\$50!



CONCLUSÃO:

Preço por quilómetro percorrido a pé \$66,6

Preço por quilómetro percorrido num BMW 600 \$22,5

Garantido pelo Distintivo "Azul e branco"



AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3 A • LISBOA

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

AGENTE NO ALGARVE:

Faia Lampreia, L.^{da} — Largo do Mercado — FARO

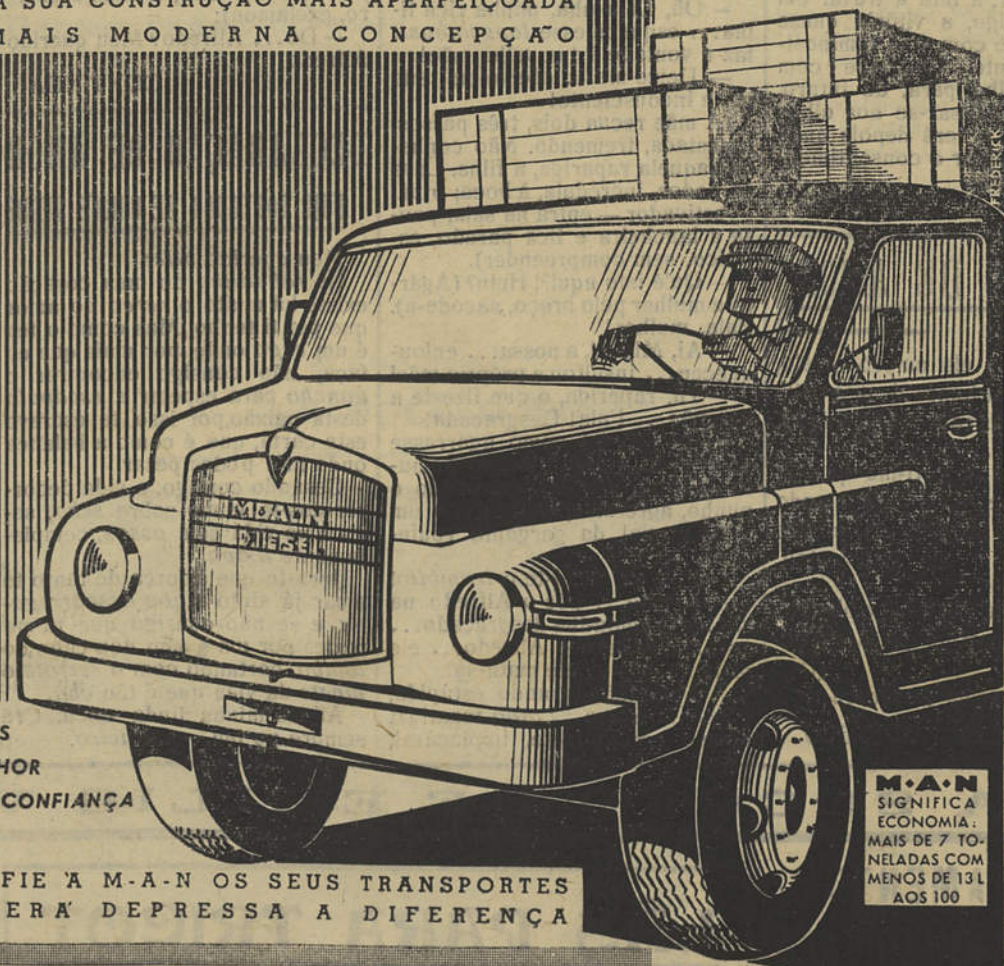
PARA TODOS OS FINS UM CAMIAO

**M·A·N
DIESEL**

QUE SATISFAZ RIGOROSAMENTE AS NECESSIDADES PELA SUA CONSTRUÇÃO MAIS APERFEIÇADA E MAIS MODERNA CONCEPÇÃO

MOTOR M·A·N
SISTEMA «M»
MULTICOMBUSTÍVEL

O MOTOR QUE REVOLUCIONOU OS TRANSPORTES POR ESTRADA



RENDE MAIS
SERVE MELHOR
E MERECE CONFIANÇA

CONFIE A M·A·N OS SEUS TRANSPORTES E VERA DEPRESSA A DIFERENÇA

TODOS OS CAMIÕES M·A·N PODEM TRABALHAR COM ATRELADOS

P. B.	C/Atrelado	C/Util	Caixas	
			Camiónes	Atrelados
415LI 10.500	13.000 ks.	7.000 ks.	5,74	5,05
415LIF 10.500	13.000 ks.	7.000 ks.	7,29	5,05
620LI 13.500	18.000	8.500 / 9.000 ks.	6,10	4,75
620LIF 13.500	18.000	8.500 / 9.000 ks.	7,47	4,75
745LI 14.879	22.000	9.500 / 10.000 ks.	5,75	4,75
745LIF 15.000	22.000	9.500 / 10.000 ks.	7,20	4,75

M·A·N
SIGNIFICA ECONOMIA. MAIS DE 7 TONELADAS COM MENOS DE 13L AOS 100

M·A·N
O PRIMEIRO CAMIAO DIESEL E SEMPRE O PRIMEIRO

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

AV. ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19 — LISBOA
TELEFS. 50652 - 44274 - 710122 (8 LINHAS)
P O R T O

6 V O B A



O MEU SERÃO...

SILVA NETO

ERA UM SUGEITO TÃO DISTRAÍDO, TÃO DISTRAÍDO, QUE UM DIA SE ESQUECEU DE RESPIRAR E MORREU...

CONFESSIONÁRIO



INFANTIL

3) **Anastácia:** «conheci um rapaz num baile, o qual me pediu namoro».

Passados dias vim a saber que ele namorava outra rapariga. Ele tem 10 anos e eu acabei de fazer 9. O que hei-de fazer?»

RESPOSTA: Afaste-se, quanto antes, desse rapaz. Demonstre-lhe, todavia, que o seu proceder não é de homem. Um homem com essa idade não pode ter tais sentimentos. O seu caso é, infelizmente, igual a tantos outros, em que a formação torpe de certos indivíduos ofusca esse profundo sentimento que é o amor. Tenha coragem e desligue-se por completo desse homem.

4) **Leonarda:** «Meus pais opõem-se ao meu namoro. Motivo: o pouco pensar do rapaz que tem 12 anos. Eu gosto dele e não o posso esquecer. Auxilie-me nesta situação tão crítica».

RESPOSTA: De facto, minha boa Leonarda, a vida é um autêntico espinho para estas coisas maravilhosas que os poetas chamam paixões. Mas não desanime: fale a seus pais; diga-lhes que estão enganados sobre o carácter desse rapaz que eles apelidam de leviano, única e simplesmente porque é muito popular e gosta da paródia. Com a sua idade encantadora de 10 anos tudo é possível remediar e creia que, no amor, a luta a travar em campo inimigo, a vitória quase sempre surge com uma luminosidade diferente. Converse com ele e peça-lhe para, de futuro, tentar personalizar-se aos olhos de seus pais, e verá depois quão fácil é conseguir o consentimento de seus pais.

JOÃOZINHO

PRISÃO DE AMOR

Um dia cortou ela um só cabelo, da longa e fina trança de ouro belo, E as duas mãos com ele meu ligou»

Deixei ligá-las, e sorri-me quando Vi fácil o quebrar o laço brando Com que a travessa as minhas (mãos atou).

Mas quando de tão frágil embarço Me quis livrar, achei que o brando (laço) Numa dura cadeia se tornou.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

A ESPADA DE DE SICA

Este Vitorio De Sica tem atitudes um pouco agressivas! Esta, por exemplo, desafiando o mais valensão dos nossos leitores para um duelo, é, francamente, arrojada! Mas parecemos que esta posse do aplaudido De Sica não passa, afinal, de fogo de vista, porque no fundo é bom rapaz. Mas sabem por que razão esta espada está em riste? Raptaram-lhe a bela Carmen Sevilha... e o caso não é para menos!



TEATRO AO AR LIVRE

Folhetim N.º 2

A TRAGÉDIA DO ALFREDO

(L)AURA, abruptamente, deixa-se contorcer em espasmos nervosos, enquanto a mãe tenta, em vão, acariciar-lhe os cabelos desgredhados).

— N'filha, tem paciência... Aquele *home* não te serve... um *têso*, um descartado, um pelintra com um conto de *res n'ós* fora os descontos...

— Não, mãezinha, o Alfredo é tudo para mim: ou ele ou a morte. Na minha vida, dentro do meu coração, não há lugar para mais homem nenhum...

— Cala-te, minha parva, deixa lá vir o *tê pai* que tu digas se vais morrer de amor! Parva é que és... Vê lá se te interessas pelo filho da ti Júlia, o Carlos, que é sério e trabalhador? Sim, vê lá!

(A rapariga suspira profundamente. Ela sente o coração oprimir-se-lhe. Do peito sai-lhe um gemido que a garganta sufoca. Depois, as lágrimas, muitas lágrimas, inundam-lhe o rosto desfigurado e patético).

— Oh, Laurinha, minha rica filha... esquece esse *langrinhas*... faz a vontade à tua velha mãe!

— Deixa-me... deixa-me sua mãe e inconsciente!

(A mãe recua dois, três passos, assustada, tremendo. Não conhece naquela rapariga, a filha. Leva os dedos, incrédula, à boca; o pai — estivador — entra na sala, posta a lancheira e fica parado, estático, sem compreender).

— Qu'ê isto aqui?! Hein? (Agar-se a mulher pelo braço, sacode-a). Fala, mulher!

— Ai, Miguel, a nossa... enlouqueceu... insultou a própria mãe! — Tu, rapariga, o que fizeste a tua mãe... Fala! Desgraçada!

(E o pai, tal como agarrasse num fardo, agitou o corpo trémulo da filha. depois, levantando o punho, agressivo, deixou sair um grito bestial da garganta roufina).

— Fala ou parto-te o *trombilol*!

— A mãe... pôs o Alfredo na rua... chamou-lhe desgraçado... pai... eu quero o Alfredo... ele mata-se, pai... ele mata-se!

— Ah, minha grande estúpida, é isso... é isso... *atão* toma! (E aquele punho forte, implacável,

caiu várias vezes sobre o rosto congestionado da filha).

— Miguel! Não percas a cabeça. *home*, deixa-a... deixa-a...

— Ah, mulher, esta desgraçada está doida! Aquele parvalhão deu-lhe algum chá de ervas a beber! Mas eu digo-lhe! Quando o apañar a geito, esfarrapo aquele canalha! Com dez porcas notas de cem *mel res* queria apañar a nossa filha! Sim, eu digo-lhe...

(Como um fardo, Laura deixou pender o corpo. Uma vertigem toldou-lhe o olhar, e desamparada, caiu sobre o tapete).

— Laura! Laura!

— Deixa-a! Ela há-de levantar-se!

(Entretanto bateram à porta. Um portador entregou um sobrescrito: uma carta de Alfredo. A mãe, nervosa, agitada, aproximou-se do corpo inerte da filha).

— Laura... uma carta para ti... é do... Alfredo!

(Ela entreabriu os olhos marejados de lágrimas, e, num sussurro, exclamou):

— Do... Alfredo? Meu querido Alfredo!

CONTINUA

DECLARAÇÃO DE AMOR

DUM CORTADOR DE CARNE VERDE

Meu querido *bife*:

Na *rabadilha* do meu coração existe há muito o *nerro* do amor que por ti tenho. Mas como o teu é um *cepo* onde, por mais que eu faça, não consigo encontrar o *gancho* para espetar a *escápula* desta paixão, por isso te escrevo esta carta, que é como a balança onde tu a podes pesar.

Casando contigo, a vida decorrer-nos-ia como sobre *sebo*; seria uma vida sem *ossos*, completamente *limpa*.

Juro-te que à força de tanto te amar já sinto a *aba descarregada* e se não consigo que tu me tomes por um *ganço* dou cabo do *lombo*, cortando com o *serrote* o *pivete* da vida que é tão *chá*.

Adeus minha linda *vaca*. Crê sempre no teu — *Carneiro*.

RECEITA

• Muitos estômagos assimilam mal o feijão. Eis uma receita que tem a vantagem de facilitar a digestão deste alimento.

Põem-se os feijões de mólho durante uma noite (qualquer quantidade de feijão). No dia seguinte escorrem-se e põem-se a cozer em água fria, em lume brando, temperando com cebôla, alho, cenoura, salsa, sal e pimenta. Deixa-se ferver durante duas horas, tirando a espuma de vez em quando. Aparte, refoga-se duas cebolinhas finalmente cortadas num pouco de manteiga, juntando-se-lhe depois dois tomates cortados em pequenos bocados (à falta de tomates frescos, pode utilizar-se a massa de conserva). Depois de bem cozidos, escorrem-se os feijões e lançam-se dentro da calda preparada, deixando ferver durante meia hora.

Finalmente, passa-se pelo coador, aproveitando bem o puré, que se serve quente. Na ocasião de servir pode acrescentar-se um pedaço de manteiga fresca.

EDISON

E AS COISAS SOBRENATURAIS

EDISON foi, durante toda a sua vida, muito céptico em relação às coisas sobrenaturais, segundo afirma um comentarista do «Science Service», dos Estados Unidos. Em certa ocasião confessou haver presenciado um facto inexplicável, envolto em certo mistério. Para submeter à prova as supostas faculdades extraordinárias do vidente Bert Reese, o célebre inventor realizou a seguinte experiência: encerrou Reese em um dos gabinetes do seu laboratório sob a vigilância de um dos seus ajudantes.

O próprio Edison entrou em outro gabinete, distante do primeiro, fechou a porta e escreveu numa tira de papel: «Há alguma coisa melhor do que o hidróxido de níquel para bateria eléctrica alcalina?». Dobrou a tira de papel, guardou-a em um dos bolsos e regressou ao gabinete onde o esperava Reese, o qual, assim que o viu-lhe disse: «Não há nada melhor do que o hidróxido de níquel para bateria eléctrica alcalina».

Edison não admitiu a hipótese de coincidências. Não poderia pensar em fraudes. E até seus últimos dias, declarou-se incapaz de explicar o facto.

Curiosidades

• Alguns quitutes predilectos da humanidade: os chineses adoram os ratos enopados; as algas marinhas são um prato predilecto entre os grã-finos do Japão; os franceses do sul os lagartos selvagens torrados ao sol; o prato predilecto dos árabes é uma pasta feita de gafanhotos esmagados. Conclui-se, pois, que o Sal de Frutas é uma necessidade!

• Se, num copo de vidro, quisermos lançar um líquido fervente, envolvamo-lo primeiro num pano húmido, para que ele não estale.

• Segundo investigações recentes, foi possível averiguar que existem nos Estados Unidos oito milhões de cães, aproximadamente.

• Se na Europa as agulhas são modernas, no Egipto, na Índia e no Oriente, eram conhecidas e muito usadas, desde a mais remota antiguidade. Os mahometanos porém, acreditam que Henoch, filho do patriarca Jared, foi o inventor da agulha.

CENTRO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Movimento de Receita e Despesa Referente ao Ano de 1958

RECEITA

Saldo do ano anterior	168.457\$85
Subsídio da Câmara Municipal	50.000\$00
» » Comissão M. de Assistência	41.500\$00
» » Direcção G. de Assistência	15.000\$00
Quotas de sócios	51.164\$50
Donativos diversos	4.827\$00
Juros na Caixa Geral de Depósitos	1.505\$80
	163.797\$10
	Esc. 332.254\$95

DESPESA

Despesas com o pessoal	12.360\$00
Artigos de expediente e outro material não especificado	1.248\$20
Luz, Aquecimento, água e limpezas	436\$40
Correios, telégrafos e telefones	268\$20
Seguro do pessoal contra acidentes	158\$00
Contribuição para a Caixa de Previdência e Abono de Família	1.358\$00

Géneros Alimentícios:

pão	41.949\$60
cereais, legumes, hortaliças e gorduras	47.470\$55
Lenhas	9.448\$00
Conservação da bicicleta e atrelado para transporte de sôpa a Monte Gordo	1.457\$50
Despesas com o trém de cozinha e outras não especificadas	2.899\$80
Esmolas a indigentes	12.480\$00
Serviço de barbeiro a indigentes	953\$50
Sabão a indigentes e necessitados	3.105\$00
	155.573\$75

Saldo para 1959 196.681\$20 (a)
332.254\$95

(a) Do saldo que transita para 1959, estão cativos Esc. 165.000\$00, para custear, em parte, a construção do edifício para a instalação do Centro, cujo projecto encontra-se dependente de aprovação superior.



CARTA A MARIA

Hoje não te vi, Maria. Tu não passaste à mesma hora pela rua sonolenta e triste que faz parte também da tristeza que te invade o coração.

Senti a tua falta, Maria. Habituei-me, sabes, a ouvir-te, a dar-te uma moeda tísada, a acariciar-te os cabelos desgredhados — a lamentar contigo a vida desditosa dos teus magros dez anos. E comprava-te um pente, uma barra de esticadores. Agora, sem ti, sem o teu «compre, meu senhor», a rua parece-me mais só, mais triste. E' verdade, sim, Maria; o homem que vende o jogo na esquina da tabacaria já me disse que estavas doente. E eu pensei na tristeza dos teus olhos, na solidão em que te encontras diante dessa tijela de sopas frias e coalhadas, sob o olhar doentio de tua pobre e inválida mãe. Tenho aqui um vestido para te dar, Maria. Um lindo vestido azul que uma criança também loira mas mais feliz do que tu, me entregou. Levei-o hoje, feliz e garboso, como se com esse farrapo azul te pudesse dar a própria felicidade, mas não te vi, Maria, Pu-lo na gaveta da secretária e, de vez enquanto, assomo à janela para ver se te oiço, se te vejo; mas acredita, Maria, que em breve será teu. Lembras-te daquela «coisa» que tiraria a tristeza dos teus olhos? Pois é o vestido, Maria, o teu lindo vestido de domingo, quando fôres passear com tua mãe.

A criança que mo deu perguntou-me ontem se já to tinha dado. «E gostou?».

Sim, a Maria vai gostar do seu vestido — quando de novo voltar à rua.

Quando a rua ouvir o queixume da sua voz «cumpre, meu senhor»; e as pedras lhe sorrirem sob os péxitos doridos, enquanto nas mãos frias os pentes e os esticadores para colarinhos se entrelaçam nos dedos pequeninos, então a Maria sorrirá alegremente com a carícia inexpressiva daquele vestido azul.

VIDA FÁCIL

Um «D. Juan (Avelino Pimenta) de 50 anos»... (o amor nem sempre olha a idades) conseguiu extorquir fraudulentamente a quatro enamoradas cerca de cento e dez contos.

No 4.º Juízo Criminal da Boa-Hora acaba de ser condenado, provado que foi o crime de burla, em 2 anos de cadeia, 6 meses de multa a 30 escudos diários; 1.200\$00 de imposto de justiça e às indemnizações de 57, 15, 12, e 10 contos àquelas vítimas. A pena fica suspensa por 4 anos se, no espaço de 3 meses, proceder às indemnizações.

ATITUDES FRIORIENTAS

Três cadastrados (Aurélio Tavares Marques, José Manuel da Silva e Flávio Nunes Justiniano) evadidos da cadeia do Limoeiro, furtaram, por meio de arrombamento um estabelecimento da rua Almeida e Sousa, 24-B, várias gabardinas as quais foram empenhadas pelo Aurélio Marques.

A P. J. terminou, porém, com tais atitudes friorientas, remetendo já a Juízo o respectivo processo.

E. V.

UMA SECÇÃO DE EMÍLIO VALONGO

RECRUTAMENTO DE PARA-QUEDISTAS

«O Regimento de Infantaria N.º 4 torna público que é feito convite a todo o pessoal do seu efectivo (oficiais, sargentos e praças) na situação de licença registada e de disponibilidade para concorrer ao ingresso nas Tropas Para-quedistas, nos termos do Decreto N.º 42.075 de 31 de Dezembro de 1958, publicado no Diário do Governo N.º 284 — 1.ª Série — da mesma data.

As declarações dos interessados deverão ser entregues na Secretaria da Unidade até ao dia 20 de Junho do corrente ano».

LÃS PARA TRICOT

A CASA QUE MAIOR SORTIDO

APRESENTA

Qualidades Estrangeiras — Lindas Cores

Só visto! Peçam Amostras

Rua Augusta, 240 - 2.º Dt. — LISBOA

Distrito de Recrutamento E MOBILIZAÇÃO N.º 4

FARO

«Os mancebos residentes em concelhos estranhos ao do seu recenseamento há mais de 60 dias poderão pedir, até 30 de Maio, em requerimento dirigido aos Comandantes da Região ou Governador Militar de Lisboa da área respectiva a que deverão juntar atestado de residência, para serem inspecionados pela Junta de Recrutamento que funcione na área da sua residência».

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

CASA AFRICANA

R AUGUSTA, 161-LISBOA

COMPRE PELO CORREIO

LÃS, SEDAS, ALGODÕES, VELUDOS, ARTIGOS DE DECORAÇÃO, VESTUÁRIO FEITO E POR MEDIDA E TODAS AS NOVIDADES EM MODAS E TECIDOS

BASTA UM POSTAL!... E JÁ ESTÁ!

10%

DE

DESCONTO

EM TODOS OS

PEDIDOS

QUANDO

ACOMPANHADOS

DESTE

ANUNCIO

ARRAUTO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

COORDENAÇÃO
DE
FRANCISCO COTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O QUE PRETENDEMOS...

QUE este suplemento mensal seja no extremo Sul do nosso País mais um entre os que existem e encetam por divulgar as artes de todos os nossos Artistas Plásticos e Literatos.

Que a cooperação entre nós todos seja a mais cordial. Apenas uma corrente — a amizade sincera, um convívio amigo, mesmo que neste, como é natural e humano, existam as mais diversas maneiras de pensar. A literatura de-e ser expressa tal qual se sente...

Que o nosso entusiasmo, jovens, possa ser alguém como é noutras páginas e que este suplemento traga algo de proveitoso como se aceita para a divulgação de todos vós. Para tal, daremos o campo mais vasto e a maior dedicação aos vossos manuscritos, criando até, para os mais jovens na nossa literatura a rubrica «ESCREVA E MANDE». Faremos as nossas secções como qualquer página mais experimentada. Haverá crítica literária entregue a pessoa de elevado critério literário. Faremos uma secção de revelações e uma outra de Literatura Ultramarina. E o tempo criará em nós o hábito de fazer muito para de alguma forma toda esta nossa ideia possa ser coisa válida.

E por último, que a nossa LINHA DE RUMO seja tomada de boa fé, estando em cada um de nós, e laboradores e leitores, o ansio de melhor servir e divulgar todo o nosso espirito num gosto fecundo de acariciar as Artes e as Letras.

Para é que só venhamos ao contacto uma vez por mês... Mas o nosso convívio vai resultar e o tempo, nele confio, podera dar mais possibilidades para uma saída mais chegada, mais vezes em nós.

A nossa dedicação não tem limites e as nossas ideias por serem valiosas não podem ser perdidas. Eis um suplemento vosso...

F. C.

APONTAMENTO POÉTICO

O CEGO DA MINHA RUA

Dizer que me comovo, todas as vezes que passo ao lado do cego que toca violino na minha rua, seria forçar um pouco o meu sentimentalismo, tão hábito meu é já ouvir aqueles acordes desafinados.

Como eu, quase toda a

Fala íntima

Vai-te álgida e fácil, de luz e palavras, — luz de palavras — e deixa-me este silêncio de pedra e ossos. Nunca verias na pedra o rosto duma flor ou a origem profundíssima do sonho, nem verias nos ossos a humana verticalidade. Vai com a tua luz: ou habito esta pedra e estes ossos.

ANTÓNIO GABRAL

gente passa, indiferente, e se houver alguém que julgue, como eu a principio, que é impossível passar sem um olhar de compaixão sequer, engana-se.

Hábito, diremos, Como hábito é ouvir os carros a passar, os pregões logo de manhã, a campainha do homem dos gelados pelas horas de muito calor, ver os cravos da vizinha, tudo misturado, enleado no drama da vida de cada um.

Sobe gente na minha rua, desce gente entrechocando-se no passeio estreito: — mil vidas, mil segredos.

Um sino que toca a anunciar casamento e um gemido de lágrimas numa última despedida de defunto.

Hábito, vida, o ram-ram de sempre, aureolado de um pouco de esperança, naquela esperança que cabe sempre em cada um de nós.

Mas eu reparei no cego desta vez. (Da minha janela eu avisto-o a tocar e oiço-o de espregos a espregos, quando me permite o silêncio raro da rua).

Reprei nele: — o cego não estava só; acompanhava-o

uma mulher, que segurava a caixa de esmolas, um caixa rude, grande, que ele

(Conclui na 6.ª PAGINA)



«Faina» óleo de Carlos Botelho (73x54) 1953 da colecção do Dr. Ernesto Ferreira de Carvalho, de S. Paulo



«No Mississipi» óleo de Carlos Botelho 1959 (75x54) da colecção de António Ferro

DE TEIXEIRA GOMES

APARECIMENTO em nova edição da obra de Teixeira Gomes, levado a efeito pela Portugália Editora, junto à circunstância de Urbano Tavares Rodrigues ter evocado, na Casa do Algarve, aquele esteta, trouxe de novo à baila não só o autor de «Maria Adelaide», mas, com ele, porventura, um exame de consciência, por via indirecta, a determinadas expressões, falhas de equilíbrio, de artistas hodiernos.

Diplomata, político, Teixeira Gomes foi sobretudo um artista. Como diplomata, como político, tal como através das suas viagens pela Europa, conheceu a vida, conheceu os homens. Das suas viagens, para além do sentido cosmopolita que vai reflectir-se nas obras literárias, colheu inúmeros ensinamentos de Arte: as suas «Cartas de Columbano» são um guia, recheado de juízos de

valor, a vários museus de pintura da velha Europa. Mas há ainda em Teixeira Gomes um outro ponto que convém frisar, para melhor nos abeirarmos das suas concepções estéticas e nos apercebarmos daquele rótulo de esteticista e espirito helénico com que os seus estudiosos o caracterizam: — não é o pormenor insignificante que Teixeira Gomes tenha feito preparatórios no Seminário antes de se haver matriculado na Universidade, tal como não é insignificante saber-se que conviveu com um João de Deus e um Fialho d'Almeida.

Estamos em crer que, na raiz de um espirito helénico e helenista, ainda que esse helenismo seja de um Rúbem Dario como o de Teixeira Gomes, para quem de convergências de sensibilidade para um são equilíbrio da arte grega, se encontra determinada, chamada de atenção, como

de formação, em ordem às manifestações daquela arte. Por outro lado, não é em vão que, — para esse equilíbrio, essa disciplina, — em estudos preparatórios num Seminário, o seu espírito seria habituado ao rigor das disciplinas de humanidades. E é por isso, será nisso que se encontra a germen da sua afirmação de um dia: — «Só é artista quem artista nasceu. Mas ficará eternamente tartamudeando, por grande artista que seja, se não possuir o modo expedito e prático de expressão; ou se em vez de afirmar a técnica se deixa embair pelas teorias» (Cartas a Columbano, 2.ª ed. Pag. 216).

Deixando em esboço esta tentativa apenas apontada de interpretação de Teixeira Gomes através da sua biografia, através da sua formação, do seu cosmopolitismo, do seu convívio com Fialho e o lírico contemplativo não menos esteta que é João de Deus, como pretendeu realizar-se o autor de «Cartas sem moral nenhuma»? — Ele o diz, em carta a João de Barros (Lit. Port. Ilustrada de Albino Forjaz de Sampaio): — «Ao passo que tantos e tantos poetas se comprazem em mergulhar nos tenebrosos mistérios da Natureza... outros correm para a claridade da vida, de olhos abertos e com todos os sentidos despertos para glorificar o esplendor da luz que nos ilumina e para divinizar quantas maravilhas ela nos revela... Fosse eu poeta, que certamente seria dos segundos, à sua imagem».

E' de facto um grande entusiasta da vida e da alegria da vida na arte, o esteta Teixeira Gomes. Tal como se entusiasma por Nápoles, por Florença, pelo mar, o mar da sua terra, o mar português, — esse Oceano que opõe ao calmo mar mediterrâneo, que, se é sereno, não lhe pro-

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

CORREIO DO BRASIL

Sr. Director,

Ficaria muito agradecido pela publicação desta pequena nota:

«Luiz Otávio, trovador brasileiro, que publicou recentemente «Meus Irmãos, os Trovadores», coletânea de duas mil trovas (quadradas) de autores brasileiros, faz um apelo aos poetas portugueses para que enviem suas trovas ou de autores já falecidos, livros que tenham quadras setissilabas, acompanhadas de dados resumidos (nome, data e local de nascimento, filiação, livros publicados e inéditos, e endereço). Ficaria também muito agradecido se os apreciadores desse género de poesia enviassem trovas (quadradas) setissilabas populares anónimas, citando, quando possível, a fonte ou local onde foram colhidas. A correspondência poderá ser enviada para: Luis Otávio — Rua Barão de Itaipú n.º 186 — Vila Isabel — Rio de Janeiro — Brasil».

Luiz Otávio

UM LIVRO

SOBRE A PROJECCÃO MUÇULMANA NO ULTRAMAR PORTUGUÊS

QUEM ajuíze sobre os grandes movimentos sociais e políticos deste século como tal deve considerar a aguda agitação que pelo Continente Negro, por cujo futuro o Português tem grande quota de responsabilidade. E, no entanto, o grande público, quanto ao conhecimento de África, permanece ou na imprecisão com que os jornais transcrevem telegramas que, mais das vezes, são triste fecho duma dramática evolução, ou, então, vive no auto-embevecimento, favorecido pelos livros oficiais das escolas, da nossa expansão quatrocentista.

Como notou o Professor Jorge Dias, «até hoje os portugueses que saem do liceu nada sabem do que são as populações ultramarinas, quais são os seus problemas que aí vamos encontrar e qual é a conduta que de nós se espera.»

Perante estes novos condicionamentos é necessário manter em inteligência uma conduta de acordo com o que foi sempre a tradição missionária portuguesa. Em tal capítulo, é justo desta-

car-se a acção do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ministério do Ultramar. Como já se acentuava no diploma que criou este Centro, vai para quatro anos, tem chamado a atenção para os problemas políticos e sociais verificados em comunidades formadas em territórios ultramarinos ou relacionados com estas, e, como disse o seu Director, tem «suscitado e apoiado as vocações necessárias para a investigação de matérias tão difíceis e com tão pouca tradição universitária nacional.»

O que já se fez a dentro deste programa, ultrapassa em valor um tão breve período de existência.

Entre as actividades do Centro, dirigido pelo Professor Adriano Moreira, inscreve-se a Coleção «Estudos de Ciências Políticas e Sociais», em que já se publicaram uns quinze volumes. Nota comum a todos estes trabalhos: assentam na experiência e meditação sobre a problemática das Províncias Ultramarinas.

Procuremos hoje assinalar o aparecimento dum dos últimos volumes daquela «Coleção.» O seu autor é Assistente do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos que, num entusiasmo sempre renovado, colabora activamente, desde o primeiro dia, neste «Centro de Estudos» — José Júlio Gonçalves. A obra intitula-se: *O Mundo Árabo-Islâmico e o Ultramar Português*. Um tema que, como se reconhece no prefácio, nem sempre tem merecido a atenção devida entre nós. E falta que se não justifica se se reconhecer que nos aspectos sociais e de evolução dos povos africanos os chamados movimentos religiosos têm um papel fundamental. Entre estes movimentos está o Islamismo, que, como escre-

veu o ilustre Autor de «Política Ultramarina», «inspira o poder político até ao Centro de África, onde, no Sudão, acaba de mandar encerrar todas as escolas cristãs, faz aparecer os seus missionários ao sul do Save e guarda posições históricas em toda a costa da Guiné.»

Esta interpretação sobre a influência muçulmana em África se nos depara, com uma maior minúcia e justificação, ao longo do trabalho do Dr. José Júlio Gonçalves, donde respigamos os breves dados seguintes.

Compreendendo um total de 350.000.000 a 400.000.000 de indivíduos, o mundo islâmico estende-se por cerca de setenta territórios e Estados. Além de Meca, Cairo, com a famosa Universidade islâmica Al-Azhar que mantém posição dúbia perante o regime de Nasser, Jogjakarta e Quadian são os principais centros de difusão.

Mais por entendimentos de ordem política e utilitária do que religiosa ou espiritual, que nada mais são essas «necessidades tácticas», a U. R. S. S. verifica possibilidades reais de coexistência do Marxismo e do Islão. Adite-se que na Conferência Afro-Asiática, no Cairo em fins de 1957, estiveram presentes os delegados da U. R. S. S. «entre os quais não faltava um muçulmano.»

Ao longo das tresentas páginas deste volume, o Dr. José Júlio Gonçalves analisa a influência muçulmana nos territórios ultramarinos portugueses sob o ângulo político e social, frisando o que tal expansão, pelo que contém de «virulência política», representa de ameaçador para a nossa soberania nacional.

Dada a impossibilidade de aqui resumirmos convenientemente tal trabalho, ficam os títulos dos principais capítulos. Após algumas páginas de introdução e uma longa referência à expansão islâmica no Mundo, o Autor apresenta as causas do sucesso do Islão na África ao Sul do Sara, e, tratando da África Ocidental, diz como se operou e tem operado a muçulmanização na Guiné Portuguesa, e, na Oriental, detendo-se demoradamente na província de Moçambique. Ocupa-se, finalmente, de tal influência na Ásia e na Oceânia, em que a Índia Portuguesa merece estudo mais longo.

Trata-se de um obra sobre um tema que, nos consta, nunca foi versado entre nós com semelhante amplitude. Só desejaríamos, quanto a nós, que o Autor se sacrificasse no escrupuloso do recurso à extraordinária bibliografia a que lançou mão, o que, se, por um lado, constitui motivo para louvar, por outro desmerece pelo que significa de ausência dum esforço de síntese.

O Dr. José Júlio Gonçalves dedica esta sua obra aos Professores Dr. Adriano Moreira, Dr. Jorge Dias e Dr. Silva Rego.

Pombo de Castro

MONTE ATOS A MONTANHA SANTA

● NENHUMA MULHER PÔE O PÉ NESTA MONTANHA DESDE HÁ SÉCULOS

QUEM nunca ouviu falar do Monte Atos, a «República Atónica», única no mundo, esse canto da Terra que a fé dos homens projectou para o céu?

É constituído pela mais oriental das três delgadas penínsulas da Calcídica, a leste de Tessalónica, na Grécia. As águas do Mar Egeu vão quebrar-se ao longo das suas três costas, contra os contrafortes rochosos.

A montanha estava deserta...

Porém, nos meados do século IX, os homens encarniçavam-se em busca de solidão. E ali se fixaram. Durante muito tempo, assim viveram, sem organização central. Pouco depois do ano 963, Santo Atanásio fundou o primeiro mosteiro regular, a «Laura». Outros monges, pios e empreendedores, imitaram-no, socorrendo-se muitas vezes do auxílio dos seus Bispos.

Entre os séculos X e XV, assistiu-se ao aparecimento de dezasseis mosteiros principais. Os russos construíram o vigésimo, em 1770. Mas o número de monges principiou a diminuir, de há uns séculos para cá. Em 1913, contavam-se ainda 6 345, dos quais 1 941 russos. Hoje apenas existe um milhar, incluindo uma centena de russos.

Contudo, no cimo da montanha santa, como lhe chamam vulgarmente os povos ortodoxos do Oriente, vinte mosteiros continuam a existir: dezasseis gregos, um russo, um sérvio, um búlgaro. Vinte mosteiros agrupados numa superfície de poucos quilómetros quadrados de solo rochoso, em cuja sombra se erguem doze «skits» ou conventos de categoria inferior, 204 «kellias» ou «células» e 456 ere-

mitérios, que dependem dos mosteiros propriamente ditos.

Atos é um Estado dentro do Estado grego, com Governo próprio. Efectivamente, gozou sempre de verdadeira autonomia administrativa, até sob o domínio turco. Em 1918, os poderes decidiram que constituiria uma República monástica, embora permanecesse como parte integrante do Reino helenico. Em 1935, a República foi dotada de uma Constituição, que não fez mais do que ratificar a situação anterior. E governada por um Conselho de vinte membros, a «Antiprosopia», com sede em Cariés, capital da península. Os membros são nomeados pelos vinte mosteiros. Os gregos estão sempre em maioria esmagadora - dezassete votos em vinte.

Eclesiásticamente, o Monte Atos acha-se sob a dependência do Patriarca grego de Constantinopla, que muitas vezes esbarra com dificuldades, no exercício de direitos que os monges lhe contestam. Assim, não conseguiu ainda introduzir nos mosteiros a reforma do calendário adoptada pelos cultos gregos, em 1924.

Bem entendido: todos os

monges do Monte Atos são ortodoxos. De facto, porém, o seu rito identifica-se com os dos gregos unidos a Roma. Os ofícios parecem estranhos ao olhar profano, mas exercem sobre os especialistas e os monges ocidentais uma atracção inenunciável. Neles se vislumbram as raízes das nossas ordens monásticas.

Todos os mosteiros de Atos são erguidos em conformidade com um plano comum: ao centro do edifício, um pátio, no meio do qual, sob o arqueado das janelas, que iluminam as células dos monges, se destaca a igreja.

Há tesoiros adormecidos nos mosteiros — porém os monges não vivem na abastança. Nos «skits» — casinhas cobertas de telha — habitam um, dois ou três monges. E' o derradeiro grau da solidão. Porém há quem vá mais longe ainda. Outros pedem que os desçam até ao fundo de uma ravina, entre os rochedos. De longe em longe baixa um cabaz com pão seco e azeitonas. Quando o cabaz regressa cheio, é sinal de que o monge morreu...

Nenhuma mulher põe o pé nesta montanha, há muitos séculos...

DE TEIXEIRA GOMES

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

porciona pela violência o seu sentido físico, é assim que Teixeira Gomes vive na arte: — «O Apolo de Chérchel é pura maravilha; o mesmo se pode concluir Torso de Vénus — que está em Argel, mas foi descoberto em Chérchel — de um modelado tão vivo e sensual que dificilmente se resiste à tentação de lhe meter as mãos, para o apalpar. (Cartas a Columbano, 2.ª ed., pag. 10).

Para Raúl Brandão, que com Fialho e Teixeira Gomes encarnam na prosa a reacção contra o naturalismo, que, na sua degenerescência, descera à fotografia, a vida é «grande floresta putrefacta, onde vagueiam seres de sonho, formas de dor mutiladas, mãos geladas que tacteiam no escuro, formas cegas e formas hesitantes de pesadelo». Para Teixeira Gomes a vida é um desejo de vida amorosa, de vida sem rótulos, sã, aferida por uma alegria e ritmo pagãos. Nas suas manifestações artísticas, de um modo especial na sua prosa, resalta essa alegria em ondas de sensualidade embriagante, refinada, purificada, boleada no ritmo como uma hetaira, fresca e viva como uma taça de champagne. Ele o diz em «Inventário de Junho», a propósito de um monumento a João de Deus: — «Parece-me escusado discorrer acerca da moralidade dos monumentos desde que eles se prestem a concretizar inspirações de beleza.

Que perpetuem ou não a memória de algum herói nas armas, nas letras ou no amor é conceito dispensável na apreciação do seu valor estético». Mas é nas suas próprias «digressões», nos seus «contos» que isso se patenteia melhor e ele mais concretiza o que afirma. Veja-se em «Inventário de Junho» a descrição das raparigas que tomavam banho, em «Música para porcos», onde ele compraz a desenhar o quadro: «Com a presença de fugir ragavam-se-lhes as desfiadas saias para dar soltura aos braços, mas saltavam-se também os seios atrevidos, desvendava-se o mármore ríto das coxas...», ou o aparecimento de uma mulher numa sala em «Sortilégio adorável»; veja-se os beijos da amante Cristina em «Agosto Azul», na digressão «Colónia», ou, na que dá o título ao livro, veja-se aquele ponto em que é descrita de-

terminada cena de duas mulheres que se despem, vistas através dum fenda de rochedos; veja-se como é descrito o mar, como é descrito o vinho, como são as suas paisagens, as suas cores, veja-se numa carta escrita a João Grave, de Granada, em «Cartas sem moral nenhuma», como ele sabe supor e descrever os movimentos ofidinosos das mulheres árabes no Pátio dos Leões; corra-se toda a obra de Teixeira Gomes, obra de digressões, em que ele dá vazão à sua «quase mania epistolar» e onde se encontra a cada passo uma justificatória ao que vimos apontando.

Se a beleza existe por si, é para os homens porém que ela existe, neste mundo dos homens. Que existiu, ou não existiu, para Teixeira Gomes é isso que importa, afinal, falando dele. Ele era poeta, um poeta da beleza, um poeta que escrevia em prosa com a sensibilidade de um poeta e a garra de um prosador patriótico, e que dizia: — «A beleza existe por si; é universal e independente do critério humano; a poesia é inerente ao indivíduo, e reflecte exclusivamente o seu mundo interior, espiritual.

Mas por fim concordam todos em que a beleza não é perceptível sem que se lhe dê expressão material. Para o conseguir trabalharam os artistas: no verbo, no mármore, nas cores».

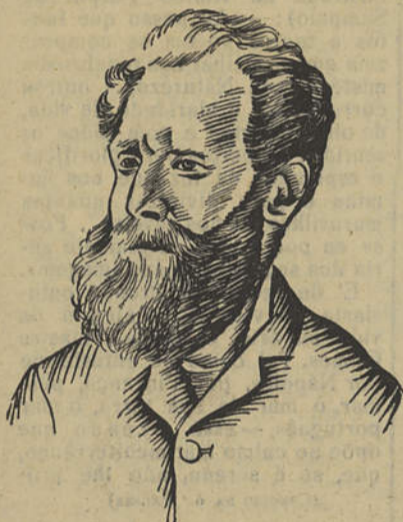
José de Melo

Herniados

«BRUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS, «BRUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS, Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

Surdos

Novos Modelos de aparelhos, novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS Largo do Mastro, 29 — LISBOA



Antero de Quental

Fala-me da força do amor

Entre todos os meus tormentos entre a morte e eu entre o meu desespero e a razão de viver há a injustiça e a infelicidade dos homens que eu não posso admitir e por isso tem a minha cólera

Há os maquis da côr do sangue de Espanha há os maquis da côr do céu da Grécia e pão e sangue e o céu e o direito à esperança para todos os inocentes que sofrem

A luz tem sempre pressa em projectar-se a vida tem sempre pressa em ser estreme mas a primavera renascendo não tem fim uma borbulha sai do escuro e o calor instala-se

E o calor extirpou os egoístas os seus sentimentos atrofiados não lhe resistirão ouço o fogo falar rindo-se com tibieza OUÇO UM HOMEM DIZER QUE NÃO SOFRE

Tu que foste da minha carne a consciência sensível tu que sempre amarei tu que me inventaste tu não suportarás a opressão nem a injúria tu cantarás sonhando a alegria sobre a terra

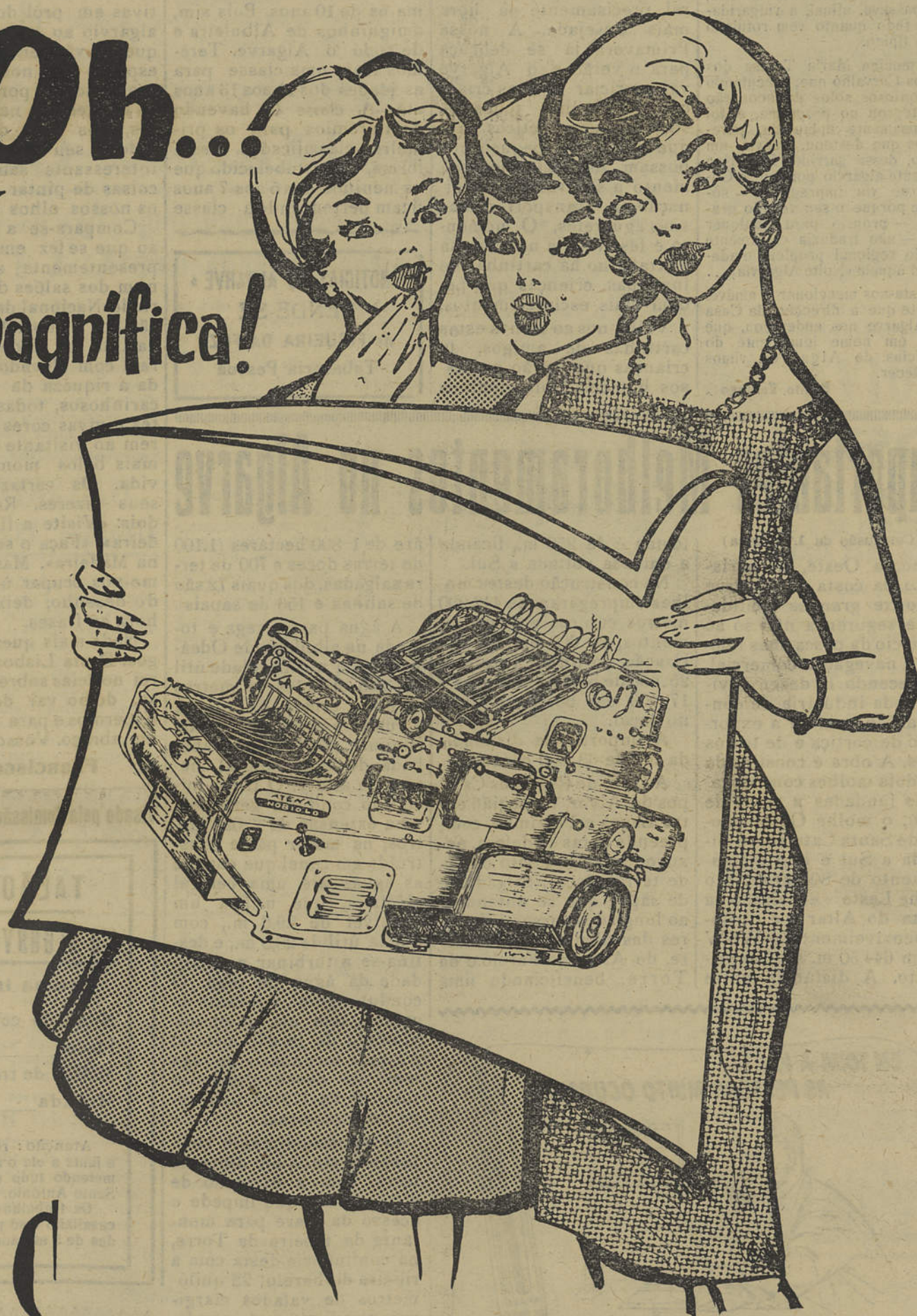
Tu desejarás ser livre e eu continuo-te.

PAUL ELUARD

Tradução de: António Monginho

MAIS UMA UNIDADE GRÁFICA NA TIPOGRAFIA SOCORRO!

Oh...
é
magnífica!



O Senhor também dirá o mesmo...

VISITE-NOS E CONSULTE OS NOSSOS NOVOS PREÇOS

TIPOGRAFIA SOCORRO

OS MAIS COMPLETOS ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS DO SUL DO PAÍS DESDE 1891

ROTULAGEM ♦ CARTONAGEM

(Conclusão da 1.ª página)

te grandioso espectáculo e verificar bem de perto quão grande é o Algarve em todos os corações que nele brotaram à vida; valeu a pena, senhores, aplaudir com mãos ambas esta feliz iniciativa da prestigiosa «Casa do Algarve» que, através da voz comovida mas reconhecida do seu Presidente, agradeceu, em palavras simples, a cedência da sala e votou um muito obrigado a esse amigo de todos que, a exemplo da cruzada sublime de seu pai, continua a merecer os maiores aplausos: Américo Covões.

E Américo Covões sabe que todos nós lhe estamos reconhecidos, porque aquele espectáculo regionalista realizado na sua sala, reverteu a favor da Santa Casa da Misericórdia de Faro e da criação de um Jardim-Escola João de Deus, na mesma cidade. Que a incansável direcção da «Casa do Algarve» não esqueça este gesto simpático, mas habitual, de Américo Covões.

● O T. A. F. agradeceu plenamente. O público não lhe regateou aplausos, pelo contrário, chamou-o repetidas vezes ao palco, tributou-lhe todo o seu calor, o seu carinho, sensibilizando-se com a sua interpretação no «Auto das Rosas de Santa Maria», do poeta Cândido Guerreiro, e, rindo, sem favor, «tisfeito, perante a aguarela bem típica das gentes do Algarve que António Aleixo traduziu em o «Auto do Curandeiro».

Contudo, é-nos penoso apontar um imprevisto que ocorreu durante a apresentação do «Auto das Rosas de Santa Maria» que, de certo, tirou e ofuscou-lhe o brilho da audição: a música de fundo jorrada através de altofalantes deficientes que lançou a confusão durante a representação. E muita gente não pôde ouvir claramente o que seria belo ouvir-se devido a uma má sonorização que redundou em tumultuosa. E foi pena porque afinal ter-se-ia evitado esse senão se se tivesse recorrido a um acompanhamento por orquestra ou prescindir do mesmo.

Em ambos os autos (e principalmente no primeiro) o cenário ultrapassou o limite do palco, porquanto ter sido instalado quase junto aos bastidores, prejudicando a visão dos ângulos laterais (geral reservada), originando, durante a representação dos mesmos, um sussurro de vozes que «tinha pago e não via senão de pé»...

● A pedido da Rádio Televisão Portuguesa, que transmitiu directamente o espectáculo, a terceira parte desta grandiosa e espectacular «Noite Algarvia», foi alterada.

E verificou-se, como aliás seria de calcular, a precipitação de não deixar passar o tempo porque as camaras da TV, firmes, implacáveis, estavam à espera.

Assim, o público teve oportunidade de deixar contagiá-lo por «corridinhos» e «bailes de roda», interpretados por rapazes e raparigas dos Grupos Folclóricos de Faro e da Casa do Povo da Conceição de Faro, e acompanhados por uma orquestra regional, constituída por acordeonistas de valor, onde não faltaram os tradicionais «ferrinhos» — moza essencial (e típica) nestas danças algarvias.

O «Grupo Infantil de corridinhos» — aquelas coisas pequeninas que fizeram brilhar bem alto a tradição algarvia e levantaram na sala um sussurro de admiração — poderia, se me permittem, alcançar ainda maior êxito, se de facto aquelas crianças tivessem sido bem ensaiadas. Se o foram, não o duvidamos, o que na realidade se torna trabalho difícil ensinar crianças de tenra idade, julgamos que o elemento — ambiente deitou por terra o propósito do ensaiador.

Todavia, tivemos oportunidade

UM ARTIGO

do «Noticias do Algarve»

(Conclusão da 1.ª página)

regional fica muito a perder, encontrando-se na maioria das vezes, se não na generalidade, difíceis e esquisitos pitus de nomes franceses que mais não são do que os já tradicionais e afamados pratos portugueses.

Dê-se aos turistas a expressão máxima da nossa arte de cozinhar, com os seus nomes certos e saborosos como a própria comida sem rameados de oratória, pois pouca oratória tem, quem se preocupa com os manjares que saboreia.

de constatar que público acarinhou e sensibilizou profundamente com a indecisão dos pequeninos dançarinos que, em gestos simples e naturais, nos trouxeram uma pétala querida desse Algarve que em nós vive como uma saudade!

● A Orquestra típica dos Amadores de Faro, sob a direcção do Maestro João Veiga, agradeceu plenamente, e o público não lhe esgoteando aplausos, desde logo se apercebeu que não se tratava, afinal, de mais uma orquestra típica das muitas passadas pela capital — porque aquele conjunto de violas, bandolins, guitarras, harmónios, clarinetes, bem ensaiado e dirigido com mestria, ultrapassava, afinal, a vulgaridade de tudo quanto vem rotulado como típico.

● A menina Maria Teresa dos Santos Carvalho que, executando harmoniosos solos de acordeão se integrou no programa, e foi calorosamente aplaudida, parece-nos que destoou, todavia, um pouco, desse garrido folclórico ambiente algarvio por que o Coliseu se viu impregnado — somente porque o seu vestido gracioso — próprio para qualquer festa — não traduzia claramente o traje regional propício e adaptável àquela «Noite Algarvia»...

● Resta-nos mencionar o amável convite que a direcção da Casa do Algarve nos endereçou, que aqui, em nome igualmente do «Noticias do Algarve», vimos agradecer.

Emílio Valongo

O ALGARVE VISTO PELAS SUAS CRIANÇAS

NEM sempre uma ideia é bem recebida. Desta vez, ao contrário de muitas, a nossa ideia em lançar uma iniciativa a todos os títulos curiosa e de carácter cultural, precisamente na hora mais desejada. A nossa Primavera já se debruça para o verão e o Algarve vai acariciar as suas crianças, dando-lhes todos os seus motivos poéticos para que todos os pequeninos possam dar ao acontecimento a sua valia e imaginação a transportar nas suas aguarelas, O momento é festivo. Na nossa mesa de trabalho há cartinhas de ingénuas crianças que pedem mais esclarecimentos.

Valha-nos ao menos estas cartinhas de amigos, de crianças que serão os nossos homens. Dois meninos

de Albufeira escrevem pedindo que possam ser admitidos, pois que têm 12 anos e o concurso «O Algarve visto pelas suas crianças» só admite em idade máxima os de 10 anos. Pois sim, amiguinhos de Albufeira e de todo o Algarve. Tereis mais uma classe para as idades dos 11 aos 13 anos até. A classe C havendo dois prémios para os primeiros classificados. Desta forma, fica estabelecido que os meninos dos 5 aos 7 anos ficam pertencendo à classe

A, dos 8 anos aos 10 à classe B, e dos 11 aos 13 na classe C. Ficamos assim.

Com este nosso concurso daremos a toda a provincia uma das maiores iniciativas em prol do turismo algarvio ao mesmo tempo que se vão encontrar nos espirito das nossas crianças o motivo por que mais se interessam nas suas cores, dos seus desenhos e todo o seu pequeno, mas interessante saber destas coisas de pintar tudo que os nossos olhos acarilham.

Compara-se a iniciativa ao que se fez em Lisboa e presentemente se expõe num dos salões do Secretariado Nacional da Informação em Lisboa. As crianças da Ilha da Madeira pintaram com elevado nível toda a riqueza da Ilha. São carinhosos, todas brilhantes e vivas cores a oferecerem ao visitante da Ilha os mais belos momentos da vida. Os cartazes têm os seus dizeres. Reparei em dois: «Visite a Ilha da Madeira», «Faça o seu repouso na Madeira». Mas nós vamos ocupar unicamente do desenho, deixando por hora as frases.

Nada mais queridos amigos. Desta Lisboa lhes darei notícias sobre o concurso, como vai decorrendo. Espero-os e para vós, todos um abraço. Vosso amigo.

Francisco Cota

Visado pela Comissão de Censura

NOTÍCIAS DO ALGARVE
VENDE-SE
na FIGUEIRA DA FOZ:
Tabacaria Pessoa

Importantes Melhoramentos no Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

Facho, a Oeste, no barlavento da costa do Algarve — trouxe grandes facilidades e segurança não só ao exercício da pesca, mas também à navegação comercial, favorecendo o desenvolvimento da indústria de conservas de peixe e a exportação de cortiça e de frutos secos. A obra é constituída por dois molhes com as cabeças fundadas a cerca de (7,-0); o molhe Oeste (molhe de Santa Catarina) é dirigida a Sul e tem o comprimento de 804,50 m; e o molhe Leste — enraizado na Ponta do Altar — é dirigido sensivelmente a WSW e tem 644,50 m. de comprimento. A distância entre

testas é de 250 m., ficando a entrada voltada a Sul.

Na construção destes molhes empregaram-se 442.900 metros cúbicos em enrocamentos, 20.600 em regularização do enrocamento, 25.600 de betão em blocos e 17.900 em betão moldado no local.

A importância dispendida foi de 63.000 contos.

A Obra de Rega dos Campos do Alvor, na região entre Lagos e Portimão, compreende obras de defesa, enrugido, dessalgação e rega de terras doces, salgadas e de sapal, que se entendem ao longo dos cursos inferiores das ribeiras de Odeáxere, de Arão, do Farelo e da Torre, beneficiando uma

área de 1 800 hectares (1.100 de terras doces e 700 de terra salgadas, dos quais 72 são de salinas e 156 de sapais).

A água para a rega é tomada na albufeira de Odeáxere, com a capacidade útil de 33,3 milhões de metros cúbicos, criada na ribeira do mesmo nome, no sítio da Bravura, por barragem-abóbada, de betão, com 41 metros de altura. O troço inicial do condutor geral tem uma extensão de 2.023 metros, na maior parte construída em túnel que conduz as águas até uma central eléctrica, que utiliza um desnível de 29,6 m., com queda útil de 28,5 m., e destina-se a turbinar a totalidade da água de rega. O condutor geral, a jusante da central, tem um desenvolvimento de 18.347 metros; e a rede secundária de rega tem um desenvolvimento total de 68.172 de uma rede de regadeiras.

O empreendimento compreende ainda um dique de terra, com a extensão de 250 metros, que impede o acesso da maré para montante da ribeira da Torre, na confluência desta com a ribeira do Farelo; 22 quilómetros de valados marginais que limitam a inundação pelas águas doces, em cheia; e vales de enxugo com o desenvolvimento total de 32.441 metros, além dos 26 quilómetros de vales da rede terciária.

O custo deste empreendimento somou cerca de 75.000 contos.

GRUPO UNIÃO SPORT

Fundado em 17-11-914

A União fez a Força
Montemor-o-Novo

Ex.^{mo} Senhor
Gerente da Pensão Mateus
Vila Real de Santo António

Ex.^{mo} Senhor

Só agora foi possível escrever a V. Ex.^a para manifestarmos os nossos agradecimentos pela maneira como fomos recebidos e tratados na Pensão de que V. Ex.^a é mui digno Gerente.

Com os nossos cumprimentos nos subscrevemos.

Pel'A Direcção do Grupo União Sport

O Secretário

António Jacinto Gomes Bravo

EM TODA A PARTE
AS PESSOAS MUITO OCUPADAS

preferem
Parker T-Ball
a esferográfica
que escreve com suavidade

Que homem sensato! Como sabe que a sua caligrafia tem de ser firme e nítida usa a maravilhosa Parker T-Ball... a esferográfica de alta qualidade que produz traços bem delineados, precisos, sempre uniformes. Não há falhas ao iniciar a escrita nem margens irregulares... a tinta corre suavemente ao mais leve toque!



A PONTA POROSA EXCLUSIVA DA PARKER

A superfície externa tem uma textura que lhe permite aderir ao papel com firmeza mas suavemente. Milhares de minúsculas células ligadas entre si cheias de tinta, asseguram uma escrita suave, uniforme.

Parker T-Ball Esferográfica

PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

9-8214

II FESTA DOS TIPOGRAFOS DE FARO

Novamente por louável iniciativa do Rev. Padre José Gomes da Encarnação, dedicado gerente da Tipografia União de Faro, teve lugar no passado dia 1 de Maio, na Quinta da Penha, gentilmente cedida pelos seus proprietários, um almoço de confraternização dos tipógrafos de Faro, que este ano teve a companhia de um grupo de tipógrafos da Tipografia Socorro de Vila Real de Santo António, tendo à frente o proprietário e o gerente da mesma Tipografia.

Antes do almoço, foi celebrada uma missa na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em honra de S. José Operário, tendo o celebrante dirigido aos presentes durante a homilia, interessantes e oportunas considerações.

Durante o almoço, que decorreu na maior e mais sã camaradagem, usaram da palavra o sr. dr. Mário Lyster Franco, dig.^o Director do nosso colega «Correio do Sul», tendo enaltecido as qualidades de trabalho e o verdadeiro sentido profissional do tipógrafo Francisco Heitor Dias, que segundamente usou da palavra para agradecer e dirigir-se aos presentes, manifestando a sua alegria por ver tão numeroso grupo de seus colegas ali reunidos.

Seguiram-se diversos e entusiásticos brindes onde os tipógrafos da Tipografia Socorro, foram gentilmente saudados.

E' a todos os títulos digno dos maiores elogios, não só pelos profissionais da classe, o sr. Padre José Gomes da Encarnação por mais esta festa de camaradagem realizada, como também pelos operários de outras classes que vêm nestas festas a união de uma classe das mais prestigiosas do nosso país pelo valor cultural do seu trabalho.

TALÃO PARA O CONCURSO

“O ALGARVE VISTO PELAS SUAS CRIANÇAS”

(uma iniciativa do nosso jornal)

Nome do concorrente _____
Idade _____ natural de _____
Motivo de trabalho com que concorre _____
Morada _____

Atenção: recorte este talão devidamente preenchido e junte a ele o seu único trabalho com que concorre, remetendo tudo ao nosso jornal, apartado 3, Vila Real de Santo António.

Os trabalhos são aceites no formato 40x30, em papel cavalinho e só podem concorrer as crianças com as idades de 5 até aos 10 anos.

motores marítimos diesel

MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS
OU MUITO RÁPIDAS
PARA OS MODELOS:

OM 636	34 H.P. - 3.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. - 1.200 R.P.M.
203 B	90 H.P. - 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. - 1.200 R.P.M.
MB 046	225 H.P. - 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTES C. SANTOS X.O.A.
LISBOA - COIMBRA - PORTO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO